



Escutado atentamente pelos Feácios, que o rodeavam cheios de curiosidade, Ulisses começa a contar-lhes agora as estranhas coisas que lhe aconteceram depois de partir do Inferno. Coisas extraordinárias, sucessos nunca vistos!

---

E sempre com voz harmoniosa e clara, disse: «Quando o nosso barco vogava já no mar alto voltámos a avistar a ilha de Ea, - a Ilha de Circe - onde também habita a Aurora ligeira e dançam e cantam, ligeiros, seus coros de dançarinas. Entrámos no porto, varámos o navio e, tendo desembarcado, deitámo-nos na praia a espera do dia. De manhã, logo que no céu despontou a luz da alvorada, enviei parte dos meus companheiros ao palácio de Circe - para me trazerem o corpo de Elpenor, que morrera no dia da minha partida dali. Resolvemos queimá-lo. Preparámos uma grande fogueira que ardeu, em labaredas altas, sobre uma ponta de terra que avançava pelo mar dentro. Quando o corpo e as armas de Elpenor ficaram inteiramente consumidos, recolhemos as cinzas e piedosamente as guardámos em humilde túmulo, que levantámos e encimámos com uma coluna. Mal tínhamos cumprido este triste dever, chegou Circe. Acompanhavam-na as aias amáveis, que nos, traziam pão, carne e vinho generoso.

Saudou-nos a deusa com palavras afectuosas, exclamando:

- «Desgraçados, que mesmo vivos descestes ao império das sombras e, por isso, duas vezes vítimas da morte - enquanto os outros homens só uma vez fazem essa tremenda viagem,

---

- passai o dia tranquilamente, descansai e folgai sem receio; amanhã, ao romper de alva, embarcareis de novo e continuareis a vossa travessia. Eu própria vos ensinarei o rumo que deveis tomar, e dar-vos-ei todas as instruções necessárias, para que assim eviteis as desgraças que vos ameaçam ainda na terra e no mar, e que doutro modo vos seriam fatais...»

Pouco se demorou a deusa entre nós. O sono chamava-nos. Repousámos a noite inteira. E, na manhã seguinte, Circe voltou para junto de nós, e chamando-me de lado, segredou-me:

- «As primeiras dificuldades e perigos da tua viagem estão passados. Mas ouve agora bem o que te vou revelar, e não o esqueças na hora da aflição.

No teu caminho encontrarás as sereias. As sereias, Ulisses, fascinam e encantam todos os homens que as vêem de perto. Ai daqueles que têm a imprudência de escutar seus gorjeios melódiosos! Sedu-los essa melodia embaladora - e as sereias guardam-nos então cativos, num vasto prado, em que não há senão montões de ossos e cadáveres a secar ao sol ardente. Passa junto das sereias sem parar, e, para melhor defender a tripulação do teu barco, tapa com cera os ouvidos dos homens, para que nada escutem da música feitiçeira! Tu - poderás ouvir, se quiseres.

Mas, antes, manda que te amarrem ao mastro do navio com boas e sólidas cordas, enrolando-as fortemente em torno dos pés e das mãos. E que os nós se não desfaçam! Assim, poderás escutar as vozes aliciantes. Mas se elas te entusiasmarem a ponto de queres que os teus marinheiros te libertem e desfaçam os laços apertados que te prendem - eles que não te obedçam e que os apertem mais, e que mais os fortaleçam!...

Quando tiveres escapado a esse grande perigo, escolherás o rumo que melhor te convenha: - por mim, não to sei dizer. Apenas posso indicar-te o que verás então à tua esquerda e à tua direita: - dois penedos altíssimos contra os quais as ondas quebram mugindo horrivelmente. Chamam-lhes os penedos vagabundos. As aves do céu não voam por cima deles, nem as pombas do Olimpo, que levam a ambrósia a Júpiter, o transpõem impunemente: - os píncaros desses rochedos despedaçam-lhes as asas... Se algum barco se aproxima, não há esperança de salvá-lo: - naufraga logo. E os seus destroços, e os homens que o tripulam, tudo destruído e arrastado pelas vagas, por vendavais tremendos e turbilhões de fogo... ...Só o navio Argo escapou ao -passar ali, vindo da Cólquida, onde conquistara o Velo de Ouro.

Mas, esse, guardava-o a protecção celeste...

«Dos dois escolhos de que te falo - um ergue-se até ao firmamento; cercam-no nuvens obscuras que nunca se dissipam; nunca ali reina o dia; e nenhum mortal o subiu ou desceu, pois é feito de pedras unidas e lisas, como se fosse polida. No meio, abre-se uma caverna negra e de altura descomunal. Navega o mais rapidamente possível! Mora na caverna a maldosa Sila, que dá uivos como os animais ferozes, monstro horroroso cuja vista agonia. Possui doze garras afiadas, seis pescoços de enorme comprimento; e, sobre cada um, cabeças assustadoras, de goelas hiantes guarnecidas de três filas de dentes, que, mordendo, logo matam. Metade do corpo está deitado na caverna; e atira para fora as seis cabeças pavorosas, alongando os pescoços coleantes. Rondam as cabeças, continuamente, os recantos do tenebroso antro, e pescam e comem delfins, cães marinhos, e até baleias! Nunca piloto algum se gabou de passar ali sem perder um ou mais marinheiros: o monstro caça-os com avidez repugnante...

«O outro penedo não está longe do primeiro. Mas é menos alto. No topo vê-se uma figueira silvestre, cuja ramaria abarca largo espaço. Debaixo da figueira, é a morada de Caribdes, que sorve e traga as ondas: - cada dia, engole - as três vezes e três vezes as vomita com barulho horrendo. Cuidado!

Era o momento de embarcar. Todos a postos, lançámos o navio na água sossegada, e remando com força, de velas pandas ajudados pelo vento, eis-nos vogando. Depois das manobras necessárias, resolvi contar aos meus companheiros as predições de Circe e os conselhos que ela me tinha dado, fazendo-os prometer que nunca os esqueceriam. Só de Sila, temendo amedrontá-los demais, não me atrevi a falar...

Ainda eu me não calara e já avistávamos a Ilha das Sereias. Caiu o vento. O mar acalmou. Nem uma onda! Colhemos as velas, e trabalharam só os remos, sob os quais o mar quieto embranquecia de espuma...

Prudentemente amasso logo nas mãos um grande pedaço de cera, amoleço-o, e tapo com ele os ouvidos dos meus homens que, logo em seguida, me encostam ao mastro do navio e amarram-me de pés e mãos. Tornam a sentar-se, pegam nos remos, e lá vamos...

«Quando o nosso barco estava quase perto da praia, as sereias enxergaram-nos. Célere, o navio galopava sobre a crista das ondas. Mas as sereias começaram imediatamente a cantar:

- «Não fujas, Ulisses, generoso Ulisses, Ulisses famoso, honra da Grécia! Pára defronte da praia, para ouvir a nossa voz. Nunca ninguém passou neste lugar sem que admirasse a suave harmonia do nosso canto!

Quem aqui chega, só continua o seu caminho depois de ter tido esse gozo inefável e depois de ter aprendido connosco uma infinidade de coisas lindas!

Todos os trabalhos de gregos e troianos, no cerco de Tróia, saberemos evocar. E mais ainda: - todas as maravilhas que na Terra existem, pois nada, nada do que embeleza e encanta o vasto universo nos é desconhecido...»

Cantavam assim. E as suas vozes enfeitiçantes criavam o desejo ansioso de escutá-las sempre, sempre... Olhei a minha gente e franzi os sobrolhos indicando dessa maneira que me libertassem das cordas que me prendiam. Nesse instante, o que eu ambicionava era ficar ali, era não fugir ao mágico enleio daquela melodia incomparável... Mas os meus marinheiros, que nada ouviam, continuaram a remar, e cada vez com mais força. Dois levantaram-se até dos seus bancos e vieram atar-me com mais cordas. E só depois de não avistarmos já a ilha embruxada e as sereias tentadoras - é que os meus homens desapertaram os nós que me prendiam ao mastro. Tirei-lhes a cera dos ouvidos. Içámos outra vez as velas. Mas que perigo tínhamos vencido, como eu agradecia a Circe, no íntimo do meu coração, os conselhos que me dera!

!

Não durou muito a minha alegria! Apenas o perfil daquela ilha desaparecera no horizonte, ergueu-se um fumo terrível, as vagas começaram a embravecer, e ouvi rugidos formidáveis! Os tripulantes do meu barco deixaram cair os remos las mãos. De todos os lados crescia a fúria dos rugidos... O navio parara; ninguém ousava remar... Tive de animar, um por um os meus companheiros, e de lhes lembrar que a minha astúcia e coragem nos livrara de violências maiores, como por exemplo das crueldades do ciclope, e de tantas mais... Ordenei-lhes terminantemente que se afastassem do sítio perigoso. Obedeceram, felizmente. Mas nem então lhes falei de Sila. Aliás, o monstro não saiu do antro. Estava oculto no fundo da caverna - e embora eu, esquecido dos conselhos de Circe, me tivesse armado para o combater, desta feita não o vimos...

Passámos o estreito entre Sila e Caribdes. Caribdes engolia vertiginosamente as ondas, e vomitava-as com o mesmo arreganho. O estrondo apavorava. E o mar ora subia até ao cimo dos rochedos, ora se via a areia negra dos abismos. Estávamos lívidos, tremíamos todos, e não despregávamos os olhos da goela voraz de Caribdes...



«Foi nesse instante que Sila avançou para nós - e em cada uma das suas bocarras ávidas sumiu-se um dos meus companheiros. Devorou-os logo, enquanto eu, sem poder valer-lhes assistia ao espectáculo trágico. De tudo quanto me aconteceu nas minhas tormentosas navegações, nada me foi mais doloroso, e nada me será mais inapagável da memória confrangida... Recuperámos depois a paz do mar sereno. Não perdemos a esperança, não nos fugiu a coragem... Mas não recuperámos a doce presença dos leais companheiros, devorados pela ferocidade do monstro mais nojento que jamais nasceu no Mundo...